

CENTRO UNIVERITÁRIO UNIFAFIBE
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

ARELY FERREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E A ATUAÇÃO DAS EQUIPES NO ÂMBITO
DA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE UM MUNICÍPIO PAULISTA**

BEBEDOURO
2020

ARELY FERREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E A ATUAÇÃO DAS EQUIPES NO ÂMBITO
DA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE UM MUNICÍPIO PAULISTA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE, sob a orientação da Prof.^a Ms. **Bartira Palin Bortolan Pontelli** para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

BEBEDOURO
2020

ARELY FERREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E A ATUAÇÃO DAS EQUIPES NO ÂMBITO
DA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE UM MUNICÍPIO PAULISTA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE, sob a orientação da Prof.^a Ms. **Bartira Palin Bortolan Pontelli** para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Enfermagem.

Banca examinadora

Orientador (a): Prof.^a Ms. **Bartira Palin Bortolan Pontelli**
Centro Universitário UNIFAFIBE

Examinador: **Prof.^a Dr.^a Kelli Cristina Silva de Oliveira**
Centro Universitário UNIFAFIBE

Examinador: **Prof.^a Dr.^a Silvéria Maria Peixoto Laredo**
Centro Universitário UNIFAFIBE

Bebedouro, 15, de dezembro de 2020

EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E A ATUAÇÃO DAS EQUIPES NO ÂMBITO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE UM MUNICÍPIO PAULISTA

INTERPROFESSIONAL EDUCATION AND THE PRIMARY CARE TEAMS PERFORMANCE IN A PAULISTA CITY

Arely Ferreira da Silva¹

Bartira Palin Bortlan Pontelli²

RESUMO

Este estudo trata-se da importância do trabalho interprofissional entre as equipes de saúde na Atenção Primária, onde a educação permanente tem sido uma ação envolvendo os profissionais de modo que se interagem e trabalhem em conjunto, melhorando a coparticipação e a qualidade da saúde. O objetivo é demonstrar a importância e o impacto da Educação Interprofissional (EIP) na atenção básica de um município do interior paulista. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e a amostra correspondeu a 34 participantes do Pet-Saúde interprofissionalidade no município de Bebedouro, a coleta de dados foi realizada por meio de Roda de Conversa e utilizando questionário semiestruturado, contendo cinco questões e cinco eixos. A análise de dados foi baseada na Roda de Conversa e nas respostas dos entrevistados através da transcrição das falas dos participantes e interpretação destes. A pesquisa mostrou que todos os colaboradores sabem identificar o que é EIP na teoria e também sabem como usá-la, porém, ao que diz respeito em colocar em prática, isso ainda é um processo em construção, se fazendo necessário a inclusão de disciplinas interprofissionais nas grades curriculares dos cursos de saúde e a implementação de intervenções desde a graduação até mesmo para profissionais já formados.

¹Graduada em enfermagem no Centro Universitário Unifafibe de Bebedouro, SP. E-mail: arelysmenezes@gmail.com.

²Professora Mestre em Ciências da Saúde pela FMRP-USP no Centro Universitário de Bebedouro, SP. E-mail: bartirapbortolan@gmail.com

Palavras Chaves: Educação interprofissional. Educação permanente. Sistema Único de Saúde. Atenção primária. Método da roda.

ABSTRACT

This study is about the importance of interprofessional work among health teams in Primary Care, where permanent education has been an action involving professionals so that they interact and work together, improving coparticipation and the quality of health. The objective is to demonstrate the importance and impact of Interprofessional Education (IPE) in primary care in a Paulista city. This is a study with a qualitative approach and the sample referred to 34 participants of the interprofessionality Pet-Saúde in the city of Bebedouro, the data collection was performed through the Yarning Circles and using a semi-structured questionnaire, containing five questions and five axes. Data analysis was based on the Yarning Circle and the interviewers' responses through the transcription of the participants' statements and their interpretation. The research showed that all involved know how to identify IPE in theory and also know how to use it, however, as far as putting it into practice, this is still a process under construction, making it necessary to include interprofessional disciplines in the curriculum of health courses and the implementation of interventions since graduation, even for professionals already graduated.

Keywords: Interprofessional education. Permanent Education. Public Health System. Primary attention. Yarning Circle method.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o artigo 196 da Constituição Federal, “saúde é direito de todos e dever do estado”, consolidando assim, os princípios da universalidade, integralidade de assistência, preservação da autonomia, igualdade da assistência à saúde, direito à informação, divulgação de informações, utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, participação da comunidade (WINTERS; PRADO; HEIDEMANN, 2016).

As modificações mostram que a atenção básica, por ser uma porta de entrada, os profissionais da área da saúde podem prestar assistências com longitudinalidade, criando vínculos, transformando suas ações e atendendo as necessidades das

populações adscritos. Investir na formação de profissionais através da Educação Permanente, tem-se criado espaços de pensamento e execução da formação e desenvolvimento de equipes, profissionais e pessoais, visando trabalhar os elementos referentes à integralidade da atenção à saúde (VIEGAS, PENNA, 2013).

Em meados de 2004, o Ministério da Saúde constituiu através da Portaria nº 198, a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), que objetiva a transformação das práticas dos profissionais de saúde e a organização do trabalho, buscando a melhoria do trabalho em equipe multiprofissional, as necessidades dos cidadãos, a gestão e controle social em saúde (BRASIL, 2018).

A PNEPS, segundo Batista e Gonçalves (2011), deixou de ser uma simples proposta do Ministério da saúde para ser uma política do SUS, tamanha sua relevância.

A PNEPS preconiza alterações das práticas profissionais para transformação de novas práticas pedagógicas e de saúde, vinculando a educação e o sistema de saúde, aproximando também o SUS das instituições formadoras (CARDOSO, et al., 2017).

Devido as diferentes especificidades, a Educação Interprofissional (EIP), tem como objetivo capacitar profissionais para trabalharem em equipe, partindo para o princípio de integralidade da assistência em saúde. Desta forma, pode se dizer que educação é a forma de construir conhecimentos, onde professores e alunos buscam ferramentas de aprendizado juntos, e a saúde é vista como conceito de sócio-histórico-cultura, destacando a integralidade do cuidado, com uma equipe agindo de maneira interdisciplinar, contrapondo o modelo biomédico centrado na doença, desmistificando o médico como uma figura central (BATISTA, 2012).

Segundo Peduzzi et al., (2016), devido as mudanças do perfil demográfico e epidemiológico e com o aumento da perspectiva de vida e as doenças crônicas, necessitam de profissionais capacitados para atender as necessidades desses usuários, oferecendo a clientela profissionais capacitados em trabalhar de forma colaborativa e interprofissional. Juntos esses profissionais da área da saúde, corroboram que o valor integral da assistência prestada, ajudam a alcançar a integralidade da saúde. Contudo pode-se dizer que EIP, melhora na qualidade dos resultados na atenção ao usuário, maior adesão das equipes aos protocolos, maior satisfação da clientela, ajuda na melhoria da tomada de decisão compartilhada,

trabalho colaborativo das equipes, tendo assim, uma redução considerável na taxa de erros clínicos.

Segundo Almeida et al., (2019) Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) interprofissional e a Organização Mundial da Saúde (OMS), implementa uma estratégia para ajudar nas mudanças da formação de profissionais de saúde, onde os mesmos terão reflexão das experiências vividas na área da saúde, identificando as necessidades e organizando propostas de intervenção continuada, favorecendo assim, a formação desses profissionais.

O PET-Saúde foi criado em 2008 e tem como objetivo desenvolver e articular as práticas junto às Estratégias de Saúde da Família (ESF), aproximando o ensino, os serviços e a comunidade e levando esses conhecimentos aos Cursos de Graduação. Esse Programa, desenvolve aprendizagem em grupos, de alunos provenientes de diferentes áreas da saúde, oferecendo a eles a capacidade de desenvolverem atividades assistenciais, possibilitando aprendizado, trocas de conhecimentos e planejamentos em conjunto. O PET é dividido em: coordenadores PET, tutores que são professores ligados à universidade, os preceptores funcionários que atuam na ESF, bolsistas/alunos acadêmicos da área da saúde selecionados e esses recebem bolsa mensal durante a duração do edital (SILVA, et al.,2012).

Com base nas mudanças da formação dos profissionais na área da saúde, no Brasil, o PET-Saúde tem como propósito, estimular a interprofissionalidade como forma de aprendizagem no trabalho colaborativo e planejar a formação desses profissionais de saúde de forma integral do cuidado, tornando-se um dos princípios dos SUS. Seu objetivo foi aproximar os alunos na realidade dos profissionais da saúde, não só específico de sua área, mas sim, abrangendo todas as áreas de formação em saúde, podendo assim, vivenciar as suas experiências interprofissional em um período de dois anos. Nessa a proximidade, os estudantes de diversos cursos da saúde junto com os tutores, preceptores e docentes, integram suas práticas de acordo com a política pública, fortalecendo as rotinas acadêmicas e com isso, atendendo as demandas da sociedade (CAMARA, et al., 2016).

O método da Roda ou Paidéia, tem como metodologia sobrepor a prática, estudo e intervenção, iniciando de experiências e dos problemas, promovendo assim, a articulação e reflexão dos sujeitos envolvidos e trabalhando a formação e o desenvolvimento desses sujeitos para o trabalho com coletivos. Essa metodologia pode ser aplicada na gestão, relações interprofissionais, relação clínica e na formação

em saúde, com o objetivo de efetivar a cogestão e auxiliar os sujeitos na melhoria da tomada de decisão e atuar em sua realidade (FIGUEIREDO, CAMPOS, 2014).

De acordo com Campos (2013) o Método Paidéia veio com o propósito de refazer uma produção onde as equipes matriciais e multiprofissionais pudessem ser mais envolvidas no processo produtivo, alguns com mais experiências, atuando como apoiadores matriciais. Com essa elaboração, ele pensava em uma maneira de realizar tarefas no coletivo, substituindo conforme necessário, através de oficinas e reuniões, estruturando o método implantado. Esse instrumento estimula a democratização das instituições, transformando seus espaços por meio de desenvolvimento da personalidade do ser humano, contrapondo a cultura imponderada das instituições, visto como modelo anti-Taylor e transformando em Método Paidéia. Com base neste estudo, mostra que esse método trabalha partilhando ideia de forma ampla e não isolada, exercendo poder compartilhado e colocando essa equipe de trabalho entre governantes, usuários e trabalhadores.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Descrever e analisar o impacto da educação interprofissional na atenção básica de um município do interior paulista.

2.2. Objetivos Específicos

Conhecer os aspectos da contribuição da educação interprofissional no trabalho e formação em saúde através do método da roda; e

Descrever a contribuição da educação interprofissional na qualidade da atenção aos usuários do SUS.

3. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa com análise de conteúdo através do método da roda.

Fizeram parte da amostra 34 bolsistas e voluntários do PET Saúde interprofissionalidade de Bebedouro, sendo composto por coordenadores, tutores,

preceptores e estudantes dos cursos de Enfermagem, Psicologia, Educação Física, Fisioterapia e Nutrição, ativos no projeto.

A coleta de dados foi realizada, por meio de agendamento prévio, através da plataforma digital Google Meet, com roda de conversa virtual. O PET-Saúde é composto por 4 grupos, sendo que a entrevista foi realizada de acordo com esses grupos, em local reservado, proporcionando aos participantes clima favorável para que se sintam à vontade para expressarem ativamente suas opiniões.

O método da roda foi utilizado como instrumento de coleta de dados da pesquisa, sendo composto por uma entrevista semiestruturada com um roteiro de 5 questões contendo 5 eixos de sentido, sendo: caracterização do trabalho em equipe, conhecimento do sus através da atuação interprofissional, contribuição da educação interprofissional para o trabalho em equipe, colaboração da educação interprofissional para a qualidade da atenção à saúde do sus, mudanças no processo de formação através da educação interprofissional.

As entrevistas foram realizadas oralmente, com as perguntas lidas pela pesquisadora, o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, foi lido pela pesquisadora no momento da entrevista, sendo que os participantes eram livres para interromper a pesquisa a qualquer momento. O tempo de intervenção para aplicação do questionário foi de um mês, a duração das sessões foi de aproximadamente uma hora cada.

Os dados foram analisados de acordo com as respostas dos entrevistados através da reprodução das falas dos participantes e interpretação destes resultados, diferenciando os entrevistados com letras C para coordenadores, T para tutores, P para preceptores e E de estudantes com numeração de acordo com os grupos pertencentes. A análise de dados foi baseada nas respostas dos entrevistados através da transcrição das falas dos participantes e interpretação destes.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Unifafibe sob o número de CAAE: 31438320.4.0000.5387.

4. RESULTADOS

4.1. Caracterização do trabalho em equipe

Em relação ao trabalho em equipe foram abordados os seguintes contextos:

“Trabalho em equipe seria a união de outros profissionais buscando o mesmo objetivo terapêutico para esse paciente, em função dele (T1).”

“Caracteriza o envolvimento de todos os integrantes, de todos os trabalhadores no mesmo setor, discutindo juntos um determinado assunto, não somente isso, mas integrantes que atuam como uma equipe, fazem parte de uma mesma equipe (P2).”

“Trabalho em equipe pra mim, é o esforço coletivo e quando várias pessoas com suas áreas do saberes, ou até mesmo, quando eles partilham um meio em comum (E3) ...”

Atualmente a EIP proporciona uma estratégia fundamental para suscitar nos profissionais o trabalho em equipe e com isso adquirir experiências para uma assistência integral no cuidado em saúde (BATISTA, 2012).

Silva, Trad, (2005) corrobora que o profissional deve exercer o trabalho coletivo, unindo a diversas áreas profissionais, reconhecendo que as experiências vividas devem partilhadas em grupo, em todos os aspectos da interprofissionalidade, bem como compartilhar saberes.

4.2. Conhecimento do sus através da atuação interprofissional

Sobre o conhecimento do SUS através da atuação interprofissional os grupos entrevistados conduziram-se as próximas situações:

“Sim, eu consegui aprofundar mais o meu conhecimento sobre o SUS né, com a atuação desse nosso grupo interprofissional, também porque o SUS, ele precisa dessa interprofissionalidade pra ele realmente conseguir fazer tudo as suas ações (T3).”

“Com a atividade interprofissional a gente passou a distinguir o cuidado de cada profissional. Antes eu não tinha visão do cuidado do meu colega da Fisio por exemplo, hoje com o PET, passei a ter uma visão mais abrangente sobre isso (E4).”

“Completando, isso traz um trabalho mais integral, isso aproxima muito o que o SUS nos traz, aos princípios do SUS (P2).”

No Brasil a formação dos profissionais da saúde tende que o modelo biomédico é muito centralizado no curativismo, fragmentando conhecimento e fortificando as práticas tecnicistas, favorecendo o sistema capitalista e impossibilitando a resolutividade do SUS. O conhecimento ainda é limitado sobre o processo saúde e doença, vendo apenas a doença e o órgão do indivíduo, esquecendo que ele é um ser humano que tem sentimentos e vontades. Com os conhecimentos adquiridos pela

equipe, a integralidade fica mais maleável e de fácil aceitação e entendimento sobre a interprofissionalidade, traçando uma linha pedagógica que desenvolve e auxilia na formação acadêmica e profissional dos trabalhadores atuantes no SUS, permitindo um cuidado integral e humanizado ao usuário (SILVA, et al., 2017).

Estudos indicam que a Educação Interprofissional desenvolve a prática colaborativa, desempenhando melhoria nas habilidades e nos conhecimentos dos profissionais, fortalecendo o trabalho em equipe e incentivando os membros reconhecerem as competências de outros indivíduos. A EIP faz com que os profissionais desempenhem melhoria de seu potencial na sua formação. A OMS se uniu para fortalecer a EIP em outros territórios, tendo embasamento para predominar os cursos da área da saúde, sendo a estratégia centralizada para melhoria do desempenho no trabalho em equipe (VENDRUSCOLO, et al., 2020).

4.3. Contribuição da educação interprofissional para o trabalho em equipe

De acordo com a contribuição da educação interprofissional para o trabalho em equipe foram abordados:

“Com certeza contribui bastante no trabalho interprofissional, a gente tem que conhecer a habilidade e a competência do outro que está trabalhando em equipe com a gente, nos aproxima muito e até facilita o trabalho em equipe em uma troca de conhecimento (E2).”

“Contribui, porque ao meu ver, as equipes não trabalham em conjunto, cada um faz a sua função que é multiprofissional e vendo a interprofissionalidade, eu vejo que é muito melhor, porque a equipe senta e conversa, ver qual é a melhor opção para o tratamento de um devido paciente, o trabalho interprofissional contribui muito para o trabalho em equipe, para que ele possa ser melhor (E3).”

Contribui e muito, é fundamental, trabalho em equipe precisa de mais um do outro para alcançar um objetivo com sucesso, a gente só consegue isso com conhecimento, cada um colaborando um pouquinho com o objetivo na melhora da qualidade (P4).”

Segundo Câmara, (2016), o PET-Saúde tem como objetivo formar grupos de trabalho contemplando docentes e discentes de diversas áreas da saúde articulando o trabalho em equipe e a eficácia para atender o paciente integralmente, sendo uma aposta para a melhoria do SUS de forma que auxiliem na qualificação dos estudantes

aproximando-os na realidade dos usuários, inseridos na atenção primária em evidência a Estratégia de Saúde da Família.

A interprofissionalidade em saúde articula o ensino, potencializando a partilha entre duas ou mais profissões, trabalhando de forma coletiva em suas especificidades, melhorando assim, a qualidade no cuidado ao usuário. Dessa forma a educação em saúde promove flexibilidade dos profissionais fazendo com que eles articulem e reconheçam o espaço de cada um. (SILVA, SCAPIN, BATISTA, 2012).

4.4. Colaboração da educação interprofissional para a qualidade da atenção à saúde do SUS

Contribuindo para a colaboração da educação interprofissional para a qualidade da atenção à saúde do SUS, foram apontados os presentes temas:

“A partir do momento em que você trabalha com vários profissionais, cada um pode agregar conhecimento, ajuntando com o conhecimento de todos e consegue dar uma assistência de qualidade. Se fosse só o meu conhecimento, não seria eficaz como o conhecimento de todo mundo reunido para resolver um problema. Consegue resolver de maneira eficaz, com mais qualidade, com o conhecimento de vários campos. Acredito que funciona e o resultado é melhor, a gente percebe que é diferente, a gente consegue melhorar o atendimento (P4).”

“Acredito que melhora a qualidade, pois os profissionais que estão atuando juntos e tentam a se ajudar, trocando conhecimento e ideias, melhorando a atenção centrada no paciente (P1).”

“Educação interprofissional, ela dá integralidade ao paciente, vê como um todo, isso dá uma qualidade muito grande para o SUS, já que é um princípio dele (E3).”

De acordo com Peduzzi e Agreli, (2018), trabalhar com práticas colaborativas aproxima os profissionais na área da saúde a compartilharem seus conhecimentos e suas práticas construindo um trabalho em equipe de forma integrada e interdependente, onde as necessidades dos usuários sejam contempladas de maneira integral. A construção do trabalho interprofissional requer um processo dinâmico onde os profissionais aprendem a trabalhar juntos reconhecendo o papel de cada membro de sua equipe. As práticas colaborativas beneficiam aos profissionais a incorporar o território adscrito, as demandas e necessidades de saúde dos usuários, planejar ações de saúde e construir projetos terapêuticos e singulares dos indivíduos e familiares e suas morbidades.

Escalda e Parreira (2018), corrobora com a afirmativa citada a cima de que a interprofissionalidade partilha práticas relacionadas e equilibradas entre profissionais de diferentes áreas, possibilitando que eles reflitam sobre o trabalho em conjunto e dessa forma atendendo as necessidades da comunidade. As práticas em saúde ajudam os profissionais a articularem entre si, buscando melhoria da problematização e maior resolutividade dos problemas, facilitando o trabalho em equipe e rompendo barreiras das práticas centradas a pessoa, responsabilizando as ações do cuidado.

4.5. Mudanças no processo de formação através da educação interprofissional

As percepções dos grupos em relação as mudanças no processo de formação através da educação interprofissional, corroboraram os seguintes contextos a seguir:

“Ainda nenhuma, vou pensar no meu curso Educação Física, ainda não temos estágios obrigatório no SUS por exemplo, se nós entramos com essa educação interprofissional no curriculum, vai fazer com que os alunos da graduação possam a ter que fazer uma parte do estágio no SUS de forma interprofissional. Acho que isso vai agregar muito, de mais, no momento ainda não temos, o Pet está sendo a primeira experiência, que pode depois continuar acontecendo, falando pela Educação Física, sei que os outros cursos já passam pelo SUS (C4).”

“Eu acho que ainda é muito cedo para responder essa pergunta, principalmente porque essa abordagem interprofissional é relativamente nova, principalmente no nosso contexto, então acredito que só poderão ser diagnosticadas os benefícios e os malefícios dessa educação interprofissional, quando ela realmente for implantada e nós consigamos aí ter um olhar mais geral e global sobre cada uma das possibilidades (C1).”

“Então, muitos de nós não fomos formados dentro de uma logística interprofissional, essa discussão tem que ser amadurecida, pra gente realmente conseguir ter essa formação, que é tão importante, acho que é um salto na qualidade de assistência, no modo de se prestar a assistência, de se pensar no paciente e as necessidades do paciente. São reflexões que nós inseridos em uma instituição temos que fazer (C3).”

É necessário ter clareza que há resistência para o rompimento na formação dentro do modelo fragmentado, mesmo com os avanços já obtidos. Os profissionais da área da saúde, ainda estão concluindo a graduação não sabendo trabalhar em

equipe, trazendo dificuldades no convívio e no âmbito de trabalho, sendo mais difícil e conflituoso, olhar o paciente de forma integral (COSTA, 2016).

A interprofissionalidade tem como objetivo o trabalho em equipe permitindo práticas colaborativas e participação de várias áreas da saúde, atendendo as necessidades dos usuários e o território no qual está inserido. Trabalhar nesse contexto permite que os profissionais se tornem mais responsáveis e evitem a repetição dos cuidados, diminuindo a espera dos atendimentos, melhorando a comunicação entre os profissionais e usuários e profissionais entre si, trazendo contribuição e conhecimento para melhoria, qualidade e resolutividade da assistência em saúde. O perfil interprofissional requer que atuem de maneira integrada, possibilitando a eficácia na assistência, promovendo vínculo entre os profissionais, tendo respeito, confiança para diversas ações em conjunto, favorecendo uma ampla rede de cuidados entre os diferentes níveis de atenção saúde (REUTER, et al., 2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo mostrou a percepção de docentes, preceptores da equipe de saúde e estudantes das diversas áreas da saúde, ambos necessitam de EIP, para agregar melhorias na assistência, nas práticas e formação desses profissionais, contribuindo para as práticas colaborativas com foco no usuário e as suas necessidades de saúde individual e coletiva, contribuindo para a qualidade e a resolutividade dos problemas apresentados pela equipe.

O trabalho em equipe é fundamental para contribuir nas ações cuja os fundamentos visam buscar a melhoria das necessidades apresentadas pelos usuários, as interações sociais e a comunicação entre profissionais e usuários, fortalecendo o vínculo entre eles e reconhecendo seu perfil epidemiológico.

A pesquisa apontou que todos os colaboradores sabem identificar o que é EIP na teoria e também sabem como usá-la, porém, ao que diz respeito em colocar em prática, isso ainda é um processo em construção, demonstrando que a prática interprofissional ainda não é de conhecimento para todos, se fazendo necessário a inclusão de disciplinas interprofissionais nas grades curriculares dos cursos de saúde e a implementação de intervenções desde a graduação até mesmo para profissionais já formados sobre o trabalho interprofissional.

REFERÊNCIAS

BATISTA, N. A. Educação interprofissional em saúde: concepções e práticas. **Cad Fnepas**, v. 2, n. 1, p. 25-8, 2012. Disponível em:

http://fnepas.org.br/artigos_caderno/v2/educacao_interprofissional.pdf acesso em: 25 de setembro de 2020.

BATISTA, K.B.; GONÇALVES, O.S.J. Formação dos profissionais de saúde para o SUS: significado e cuidado. **Saúde Sociedade**. São Paulo, v.20, n.4, p.884-899, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política de Educação e Desenvolvimento para o SUS Caminhos para a Educação Permanente em Saúde**. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica2_vp.pdf .Acesso em: 15 mar. 2018b.

CAMARA, Ana Maria Chagas Sette et al . Educação interprofissional no Brasil: construindo redes formativas de educação e trabalho em saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 20, n. 56, p. 5-8, Mar. 2016 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Dez. 2020

CAMPOS, G.W.S. **Um método para análise e cogestão de coletivos. A constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: O método da roda**. 4º Ed. São Paulo. HUCITEC.2013.

CARDOSO, M.L.M. et al. A Política Nacional de Educação Permanente em Saúde nas Escolas de Saúde Pública: reflexões a partir da prática. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.5, p.1489-1500, 2017.

COSTA, M. V. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 197-198, 2016.

Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2016.v20n56/197-198/pt/> acesso em: 21 de setembro de 2020.

DIAS, E.S.M.; RODRIGUES, I.L.A.; MIRANDA, H.R. et al. Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem. **Rev Fund Care Online**.

2018 abr/jun, v.10, n.2, p.379-384. Disponível em:

<http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6053/p>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ESCALDA, P.; PARREIRA, C. M. S. F. Dimensões do trabalho interprofissional e práticas colaborativas desenvolvidas em uma unidade básica de saúde, por equipe de Saúde da Família. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1717-1727, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.org/article/icse/2018.v22suppl2/1717-1727/pt/> acesso em: 21 de setembro de 2020.

FIGUEIREDO, M. D.; CAMPOS, G.W. S. O apoio Paideia como metodologia para processos de formação em saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v.

18, p. 931-943, 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.org/article/icse/2014.v18suppl1/931-943/pt/> acesso em: 10 de jan de 2020.

MALTA, D. C. et al. A Cobertura da Estratégia de Saúde da Família (ESF) no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.21, n.2, p.327-338, 2016.

MATOS, E.; PIRES, D. Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influencias no setor saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v.15, n.3, p.508-514, 2006.

PEDUZZI, M. et al. Trabalho em equipe, prática e educação interprofissional. **Clínica médica. 2ª ed. Barueri: Manole**, v. 1, p. 1-9, 2016. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3011330/mod_resource/content/1/Trabalho%20em%20equipe.pdf acesso em: 25 de setembro de 2020.

PEDUZZI, M.; AGRELI, H. F. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1525-1534, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2018.v22suppl2/1525-1534/>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.

PONTE, Hermínia Maria Sousa da; OLIVEIRA, Lucia Conde de; AVILA, Maria Marlene Marques. Desafios da operacionalização do Método da Roda: experiência em Sobral (CE). **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 108, p. 34-47, Mar. 2016. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000100034&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Dez. 2020

REUTER, C. L. O; SANTOS, V. C. F; RAMOS, A. R. O exercício da interprofissionalidade e da intersetorialidade como arte de cuidar: inovações e desafios. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, p. e20170441-e20170441, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452018000400221&script=sci_arttext&lng=pt acesso em: 21 de setembro de 2020.

SILVA, I. Z. Q. J; TRAD, L. A. B. O trabalho em equipe no PSF: investigando a articulação técnica e a interação entre os profissionais. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, p. 25-38, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.org/article/icse/2005.v9n16/25-38/pt/> acesso em: 12 de agosto de 2020.

SILVA, R. O. B. et al. Programa PET-Saúde: trajetória 2009-2010, na Universidade de Brasília. **Saúde em Debate**, v. 36, n. 95, p. 678-683, 2012. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042012000400020&script=sci_arttext acesso em: 10 de jan de 2021.

SILVA, S. L. et al. Educação Interprofissional transFORMANDO para o SUS. **JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care| ISSN 2179-6750**, v. 8, n. 3, p. 80-82, 2017. Disponível em: <https://jmphc.com.br/jmphc/article/view/677> acesso em: 25 de agosto de 2020.

TAQUETTE, S.R.; MINAYO, M.C. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.26, n. 2, p. 417-434, 2016.

VENDRUSCOLO, C. et al. Implicação do processo de formação e educação permanente para atuação interprofissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672020000200181&script=sci_arttext&tlng=pt acesso em: 25 de agosto de 2020.

VIEGAS, S. M. F.; PENNA, C. M. M. O SUS é universal, mas vivemos de cotas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.18, n.1, p.181-190, 2013.

WINTERS, J.R.F.; PRADO, M.L.; HEIDEMANN, I.T.S.B. et al. **A formação em enfermagem orientada aos princípios do Sistema Único de Saúde: percepção dos formandos**. Esc. Anna Nery. 2016 abr/jun; 10.5935/1414-8145.20160033.